

Web Revista Linguagem,  
Educação e Memória

ISSN 2237-8332

## *Pedagogia decolonial: a pretagogia como suporte para uma educação antirracista*

**Pedagogía decolonial: la pretagogía como apoyo a la educación antirracista**

Esther Costa Mendonça<sup>1</sup>

**Resumo:** Promover uma abordagem educacional que possibilite um olhar sobre as diversidades é papel da educação contemporânea. Nas últimas décadas, as políticas públicas educacionais têm-se apresentado sensíveis à essa questão e apresentado propostas e orientações que viabilizem esse olhar. No entanto, diante dessas perspectivas surge a dificuldade do docente em abordar as temáticas em sala de aula. A lei 10.639/03 surgiu para estabelecer diretrizes a fim de incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", contudo não oferece subsídios para essa abordagem, e professores com formação deficiente nesse aspecto sentem dificuldade em como proceder nessa situação. Diante dessa dificuldade a Pretagogia surgiu como alternativa de referencial teórico-metodológico na abordagem das relações étnico-raciais no ambiente escolar. Assim, recorremos à Petit (2015) a fim de compreender o que é e o que propõe a Pretagogia, Petit & Alves (2015) para expor as suas metodologias e Silva (2019) apresentando o surgimento da Pretagogia. Compreendendo que a educação antirracista urge nas escolas, buscou-se apresentar uma alternativa que oferece suporte para educadoras e educadores interessados em abordar a questão.

**Palavras-chave:** Educação antirracista; currículo; transversalidade.

**Resumen:** Promover un enfoque educativo que permita mirar la diversidad es el papel de la educación contemporánea. En las últimas décadas, las políticas públicas de educación han sido sensibles a este tema y han presentado propuestas y lineamientos que hacen posible esta visión. Sin embargo, ante estas perspectivas existe la dificultad del docente para abordar los temas en el aula. Surgió la Ley 10.639 / 03 para establecer lineamientos a fin de incluir en el plan de estudios oficial de la Red de Enseñanza el tema obligatorio "Historia y Cultura Afrobrasileña", sin embargo no ofrece subsidios para este enfoque, y docentes con deficiente formación en este aspecto. se siente difícil sobre cómo proceder en esa situación. Ante esta dificultad, la Pretagogia surgió como una alternativa de referencia teórica y metodológica en el abordaje de las relaciones étnico-raciales en el ámbito escolar. Así, nos dirigimos a Petit (2015) para entender qué es la

---

<sup>1</sup>Professora da rede municipal de Fortaleza-Ceará – Brasil. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará – Brasil. ORCID. E-mail: [est.costa@yahoo.com.br](mailto:est.costa@yahoo.com.br).

Pretagogia y qué propone, Petit & Alves (2015) para exponer sus metodologías y Silva (2019) presentando la emergencia de la Pretagogia. Entendiendo que la educación antirracista es urgente en las escuelas, buscamos presentar una alternativa que ofrezca apoyo a los educadores y educadores interesados en abordar el tema.

**Palabras claves:** Educación antirracista; plan de estudios; transversalidad.

### 1 Introdução

Quem somos, de onde viemos e para onde são questões filosóficas do mundo inteiro. Do macro ao micro, além-mar e através dele, todas as sociedades trabalham o seu pertencimento através de rituais, comemorações, vestimentas, alimentação, religião, entre outros. Assim, trabalhar o pertencimento negro não significa impor um pensamento, um referencial único. Ao contrário, é um posicionamento contra as imposições colonialistas que insistem em reproduzir em todas as sociedades colonizadas sua cultura, tecnologia, formas de interação e ação, inclusive apropriando-se de aspectos culturais, filosóficos, medicinais, tecnológicos ou trabalhando sistematicamente a fim de lhes retirar a credibilidade e a relevância.

Nesse sentido, explorar aspectos históricos e culturais africanos que influenciaram e influenciam a cultura brasileira, permite formar a personalidade social, que é constituída por valores e conceitos construídos a partir de visões individuais e ensinamentos repassados nos mais diversos círculos sociais onde o indivíduo interage, resultando nos seres sociais que ditam e conduzem as relações sociais.

Situar-se nesse contexto implica na possibilidade de posicionar-se de acordo com as suas origens, pois como a filosofia ocidental rege, é preciso saber de onde se veio para saber para onde ir. Quando o indivíduo desconhece seu pertencimento negro, ou nega, corrobora com a denegação e apagamento constante estimulado pelo pensamento abissal.

Saraiva (2016, p. 13) informa que

Estima-se que o Brasil recebeu cerca de 37% de todos os africanos que vieram para o continente americano, num total aproximando de 4 milhões. Outras estatísticas chegam a 5 ou 6 milhões ou mais, embora que todas elas careçam de fonte fidedigna.

A partir desses dados, é possível interpretar que essa população trouxe consigo toda a carga cultural que a compunha, e que apesar de toda a imposição violenta física e psicológica que buscava anular suas humanidades, ela nunca esqueceu suas convicções africanas e tratou de cultivá-las, integrando-as à sociedade brasileira construída, manifestando-se em todos os setores mediante:

- Influência na religião
- Influência músicas, danças e instrumentos musicais
- Influência na culinária
- Influência nas indumentárias
- Influência na língua portuguesa
- Influência na tecnologia
- Influência a literatura oral
- Influências nas festividades e comemorações
- Influência nas tradições mantidas
- Influência na formação da brasilidade em modo geral
- Influência na medicina fitoterápica, práticas de conhecimento de saúde
- Influência em práticas comunitárias
- Influência em práticas e linguagens corporais
- Influência na ética, cosmovisão e filosofia
- Protagonismo histórico na produção de riquezas
- Semióticas (simbologias)

Despertar o pertencimento negro afro abrange aspectos além dos fenótipos. Implica em perceber e reconhecer as influências citadas, na própria constituição de brasilidade. Como rejeitar o que como, ouço, falo, visto, danço? Como rejeitar o que sou?

Daí a importância de conhecer.

Daí a importância de se reconhecer.

Despertar o pertencimento negro afro é um mecanismo fundamental no combate ao racismo e todas suas implicações.

Para trabalhar esse pertencimento afro no processo de letramento, recorreremos à Pretagogia, referencial teórico-metodológico nascido durante a experiência de um curso para formação de professores de quilombo e criado à época por Sandra Haydée Petit e Geranilde Costa e Silva (2011), visando à construção de uma pedagogia potencializadora dos aprendizados da ancestralidade africana e que enfatiza muito o pertencimento afro.

Estabelecemos a Pretagogia como referencial teórico-metodológico por considerar que permite trabalhar material, recursos e currículo didático sob uma perspectiva afrorreferenciada, contemplando a implementação da Lei nº 10639/03, algo não explorado profundamente nos cursos de graduação. A Pretagogia não apenas sugere a aplicação da Lei 10.639/03, mas direciona os educadores e educadoras na forma de utilizá-la de maneira eficiente, ampliando os horizontes de metodologias, temáticas e compreensões teóricas.

### 2 Pretagogia: princípios, marcadores das africanidades, conceitos operatórios

Surgida diante das dificuldades que professoras e professores demonstravam para implementar a referida lei, em parte por desconhecimento da área e falta de apropriação mais profunda, a Pretagogia se torna uma proposta antirracista voltada tanto para negras/negros como para não negras/negros cultivarem sua dimensão de africanidade, para além do fenótipo de cada pessoa. Espera-se que resulte, desse processo, a descoberta e apropriação de novos conhecimentos historicamente apagados do currículo escolar referentes à história e cultura africana e afro-brasileira, e que essa compreensão seja promovida por estratégias que venham a gerar afirmação e encantamento (MACHADO, 2019) para com os múltiplos universos e territórios africanos e afrodescendentes, numa perspectiva antirracista, de ruptura com a pretensa universalidade eurocentrada da maior parte dos currículos.

Para tanto a Pretagogia apresenta os seguintes princípios:

Referencial teórico-metodológico que vem sendo construído há alguns anos e que toma os valores e os saberes afroreferenciados como elementos aglutinadores e condutores das experiências de ensino-aprendizagem. Por compreender que as trajetórias dos afrodescendentes têm especificidades históricas e sociais, se assenta numa diversidade de princípios próprios, tais como: 1) o autorreconhecimento afrodescendente; 2) a tradição oral; 3) a apropriação dos valores das culturas de matriz africana; 4) a circularidade; 5) a religiosidade de matriz africana entrelaçada nos saberes e conhecimentos; 6) o reconhecimento da sacralidade; 7) a noção de território como espaço-tempo socialmente construído; 8) o reconhecimento e entendimento do lugar social atribuído ao negro (PETIT; SILVA, 2011). Dessa forma, os saberes/conhecimentos gingam entre si e produzem novas práticas, num fluxo constante, entrelaçados pela circularidade. A ancestralidade, o corpo fonte e produtor de conhecimentos, a integração da espiritualidade, da cosmovisão africana (OLIVEIRA, 2006), guiam as ações pretagógicas bem como o respeito à senhoria, à valorização dos saberes da oralidade, particularmente, a literatura oral com os ensinamentos que perpassam a mitologia, as letras cantadas, as expressões ancestrais, as danças e diversas formas de corpo-texto. (PETIT; CRUZ, 2008 *apud* PETIT; ALVES, 2015, p. 136-137).

A professora e pesquisadora Pretagoga Rebeca Alcântara e Silva Meijer (2019) ressalta que a Pretagogia termina gerando um “currículo-linguagem” que deve enraizar-se “

A partir de sua ‘fala-ação’ que canta, batuca, dança reggae, corre, joga capoeira, aprende sobre a diversidade da mãe África e sobre quem são os negros da diáspora, entre outros movimentos. Um currículo assim pensado deve partilhar o saber-fazer pedagógico entre os que fazem parte da coletividade, rompendo com a lógica ocidental da hierarquia, da verticalização. [...] É um currículo que dialoga também com as diferenças étnico-raciais, respeitando a diversidade cultural que há na sociedade brasileira. (MEIJER, 2019, p. 85).

Destaco nesses princípios a importância da Pretagogia trabalhar a relação do que chama de pertencimento afro, como o autorreconhecimento afrodescendente para quem tem esse pertencimento étnico-racial, (maioria no Brasil, e ainda mais no Ceará/Nordeste), mas também a compreensão do lugar social do negro (que permite entender e identificar o racismo naturalizado), a compreensão de valores culturais afro que formam parte da brasilidade, o corpo templo espiritual que merece cuidado e respeito, fonte de conhecimento e produtor de várias linguagens (inclusive com uma tese em forma de conto, no caso de MEIJER (2019), de um currículo-linguagem dinâmico que tem “fala-ação”, não apenas momentos sentados e passivos, com ênfase na literatura oral, mitologias e múltiplos letramentos, a circularidade na forma de aprender e de interligar os conhecimentos de maneira não fragmentada, são aspectos que foram importantes para esse estudo de mestrado.

No mesmo artigo de Petit e Alves (2015, p. 126), há um relato da negação das africanidades entre alunas e alunos, inclusive na universidade, no curso de pedagogia, pela subalternização ou apagamento dessa dimensão. Isso se deve ao fato de:

[...] associar o colonizador ao ideário de superioridade, de evolução da inteligência e restringe o colonizado ao lugar do exotismo, da preguiça, da subalternização e da inferioridade. No nosso caso, isso significa desconsiderar as contribuições sociais, tecnológicas, econômicas e políticas de negros e de indígenas. (PETIT; ALVES, 2015, p. 126).

Dessa forma, a Professora Sandra Petit sentiu a necessidade de criar um instrumental que permitisse que as educandas e os educandos identificassem suas africanidades e passassem a perceber como a cosmovisão africana e suas marcas estão presentes no cotidiano brasileiro e afrodiáspórico em geral. A expectativa é que surja dessa identificação uma valorização das africanidades identificadas na história e cultura de cada pessoa, independentemente do fenótipo.

No desenvolvimento da Pretagogia, Petit (2015) apresenta 30 marcadores das africanidades que auxiliam a educadora e o educador no tocante às abordagens propostas no seu fazer pretagógico:

Quadro 1 – Marcadores das africanidades

História do meu nome	Danças afro
História da minha linhagem, inclusive agregados	Cabelo afro (encaracolado/cacheado/crespo) – práticas corporais de afirmação e de negação dos traços negros diacríticos
Mitos/lendas/o ato de contar/valorização da contação	Representação da África/Relações com a África
Histórias do meu lugar de pertencimento/comunidade/territorialidades e Desterritorialidades negras (movimentos de deslocamento geográficos, corporais e simbólicos)	Negritude – Força e resistência
Sabores da minha infância – pratos, modos de comer e o valor da comida	Artesanato
Pessoas negras referências da minha família e da minha comunidade e pessoas negras referências do mundo, significativas para mim	Outras tecnologias
Simbologias da circularidade/Tempos	Valores de família/Filosofia

cíclicos e da natureza	
Mestras e Mestres negras/negros (da cultura negra)	Racismos (perpetrados e sofridos)
Escrituras negras	Formas de conviver/Laços de solidariedade/Relações comunitárias
Curas/Práticas de saúde	Relação com a natureza
Cheiros “negros” significativos	Religiosidades pretas
Festas afro da minha infância e festas de hoje	Relação com as mais velhas e os mais velhos/Senhoridade (respeito aos mais experientes)
Lugares míticos e territórios afro marcadores (investidos pela negritude)	Vocabulário afro/Formas de falar
Músicas/Cantos/Toques/Ritmos/Estilo afro	Relação com o chão (Vivências e simbologias)
Práticas e valores de iniciação/Ritos de transmissão e ensino	Outras práticas corporais (brincadeiras tradicionais, jogos e outros)

Fonte: Petit e Alves (2015).

Os marcadores de africanidades objetivam despertar nos indivíduos o reconhecimento da influência afro na sua própria formação. Petit & Alves (2015, p. 135) apontam que os marcadores propõem “revisitar os territórios negros a partir de nossas histórias e memórias, voltando-nos para o conjunto que constrói nossa trajetória no mundo”. Referem-se àquilo que nos permite identificar uma conexão histórico-cultural com a África. São marcas daquilo que nos conecta, desde membros da nossa linhagem, práticas religiosas e espirituais, artísticas, de saúde, culinárias, arquiteturas, presentes no cotidiano de todos os brasileiros e brasileiras.

Vários autoras e autores, relatam a eficácia desse referencial por gerar conexão com o cotidiano e história de cada um/a, a partir de experiências e vivências bem concretas, Pires (2017, p. 6) narra que

A partir da experiência de se vivenciar a Pretagogia no Memórias de Baobá realizado pelo Núcleo de Africanidades Cearenses – NACE/UFC ao redor do Baobá do Passeio Público, em Fortaleza, foi possível tornar-se realidade no contexto do educando do 6º ano A, pois foi dessas formações contínuas que se contextualizou a teoria e a prática no cotidiano das aulas, como a visita ao quilombo onde os educandos tiveram a oportunidade de perceber a presença da cultura africana no seu cotidiano e buscar contribuir para a História vivida na realidade social em que cada educando está inserido.

O depoimento do professor demonstra como a Pretagogia conduz a práxis em sala de aula, pois para sua atuação é necessária uma diferenciação da abordagem convencional e o desenvolvimento de pesquisas com novos conceitos e abordagens inovadoras.

Dialogando com as mais diversas abordagens escolares, a Pretagogia desvela aos olhos dos educadores as possibilidades de inserir a ótica afrorreferenciada na proposta curricular da escola convencional e ensino superior. Professora de na Faculdade Paulista de Artes da Universidade Federal da Bahia, Deise de Brito justifica também com a utilização da Pretagogia, o conceito de corporalidade e corpo-dança ao concordar com o discurso de Petit no que se refere à valorização do ato de dançar para negros e negras. Segundo Petit (2015, p.74) “[...] para nós, descendentes desses povos (africanos), a dança significa mais do que uma filosofia ou cosmovisão, significa existir”. Compreendem que o ato de dançar para as pessoas negras é um ato de resistência, conexão com a sua ancestralidade e valorização da identidade negra e por isso deve ser explorado pedagogicamente a fim de estabelecer laços com a cultura africana e afro-brasileira. Pois para Brito (2016, p. 130) “Desse modo, percebe-se o complexo significado da dança na continuidade das culturas negras em diáspora.” Dessa maneira, a sua valorização contribui para a manutenção e reprodução das práticas culturais negras.

São vários os trabalhos de pesquisa intervenção já realizados com apoio dos marcadores das africanidades, como exemplifica Petit (2016) enfatizando os produtos didáticos propiciados graças ao trabalho prévio com os marcadores, sendo produtos didáticos os resultados da compreensão alcançada com as pessoas alvo da formação, nesses quatro casos foram adultos ou grupos intergeracionais da comunidade. Começa trazendo a referência do trabalho de Silva (2015): “Na escola do quilombo da Serra do Juá (Caucaia/Ceará), Cláudia Oliveira da Silva (2015) estudou, sob a minha orientação enquanto professora universitária, o tema “pertencimento afroquilombola”(2016, p. 669). Em seguida lembra os principais materiais realizados a partir dos marcadores, no caso o pano de pente afroquilombola:

O produto que teve maior destaque foi o que reuniu todos os achados em uma obra só: o pano de pente afroquilombola. Partindo da referência da guineense Semedo (2010), foi realizada uma analogia com esse objeto, o qual originariamente tem um valor místico e ancestral muito forte de pertencimento cultural: a produção de um pano de pente pintado, e não produzido no tear (como seria o tradicional). Cada banda do pano de pente foi pintada por um



subgrupo de copesquisadores, juntando crianças, adultos e idosos, alunos, professoras e moradores em geral nessa produção. O resultado foi lindo, permitindo que a comunidade quilombola se visse retratada com uma bela obra de pertencimento afroquilombola (PETIT, 2016, p. 674).

Apresenta também outros materiais, como os de Alves (2014), com jogos, *loas* de maracatu, autorretratos, árvores de afrossaberes com estudantes de pedagogia, os panos chamados *capulanas* de um grupo de rezadeiras, com Silva (2015) (que suscitou uma das minhas intervenções com apoio dela, como veremos mais adiante), e outro com o livro das ladainhas de capoeira produzidas com a comunidade quilombola com outro Rafael Ferreira da Silva (2015).

[...] Alguns produtos didáticos de outras pesquisas intervenções pretagógicas. Um exemplo foi a pesquisa de Alves (2014), que trabalhou com o tema gerador resistência negra, na busca de investigar as potências afro de um grupo composto por professores e alunos do Projovem Urbano com alunos da pedagogia, alguns deles também professores do ensino básico. Inicialmente, montaram árvores de seus afrossaberes, lembrando vários marcadores das africanidades presentes em suas vidas. Em seguida, os quatro subgrupos compuseram os produtos didáticos: um deles retratou as histórias de pertencimento afro de um dos subgrupos, com a montagem de um jogo de mímicas que fazia referência à visão de meio ambiente no culto aos orixás; outro criou um jogo de tabuleiro, com saberes relacionados à história e geografia envolvendo tipos de tecelagem afro; o terceiro produziu uma loa de maracatu (canto de maracatu, manifestação cultural do Nordeste brasileiro) com as histórias da comunidade; o último realizou uma crônica de autorretratos para trabalhar letramento (língua portuguesa). (...) Na pesquisa de intervenção pretagógica de Maria Eliene Magalhães da Silva (2015), a qual teve como grupo-alvo professoras, rezadeiras e demais moradoras de quilombo, um dos múltiplos produtos de destaque foi a inspiração nas capulanas (pano e vestimenta usada pelas mulheres em Moçambique), que partiu do livro *Um pano estampado de histórias*, de Heloisa Pires Lima e Mario Lemos (2014) – um breve documentário sobre o significado iniciático da capulana e a contação de um mito sobre a relação com o mundo das ervas, favorecendo entender também a dimensão da oralidade africana. Assim, as copesquisadoras pintaram suas histórias e seus afrossaberes de quilombo em panos os quais usaram depois na forma de capulana, amarrados na cintura. Esse produto permitiu fortalecer, em muito, o senso de pertencimento afro de seu grupo de copesquisadoras, no caso composto por professoras e demais moradoras, que possuem em comum praticarem o ofício da reza, em diversos estágios de iniciação. A capulana forneceu uma analogia importante e motivadora pela sua dimensão iniciática e relação com a oralidade africana, disparando as memórias dos afrossaberes das mulheres copesquisadoras rezadeiras. (...) Já na pesquisa de Rafael Ferreira da Silva (2015), sobre as africanidades no ritual das ladainhas de capoeira, realizada com um público de quilombolas envolvendo professoras, alunos e moradores da comunidade, o produto didático que se destacou também foi a síntese de várias atividades, gerando a invenção pelos copesquisadores de letras de ladainhas a partir da apropriação de conhecimentos acerca dos significados de mestria e da musicalidade das ladainhas na capoeira, com depoimentos de mestres(as) de capoeira, curtas documentários, músicas de CD, livros infantojuvenis – como o *Olelê*, de Fábio Soares e Heloisa Pires Lima (2014), a partir dos marcadores das africanidades relativos à ancestralidade africana, às

práticas e aos valores de iniciação, à espiritualidade (religiosidades pretas), à musicalidade e às práticas corporais. (PETTT, 2016, p. 674-676).

Outra pesquisa pretagógica muito relevante a ser citada por ter sido realizada numa escola de periferia realizou vários produtos didáticos, entre os quais uma reinvenção do pano africano kente (etnia Akan em Gana), uma reelaboração dos ideogramas adinkras, uma aula de culinária também com receita ganense, tudo orientado por contos daquele país ou referente aquela etnia em Gana. Foram muitos seus resultados, destado aqui algumas valorizações do pertencimento afro obtidas nessa forma de trazer a contação na escola pública principalmente na sua relação com os marcadores da senhoria, valores comunitários, laços de família e agregados, a importância da musicalidade e da dança:

São muitos os valores e princípios, que também afirmam o pertencimento afro. Ressaltamos os seguintes: a homenagem aos falecidos e a tradição oral como forma de transmissão do conhecimento; a transmissão de saberes para o coletivo; a relação com a produção, sustentada nas atividades familiares e comunitárias, onde todos e todas se situam no mesmo nível de organização e partilham igualmente os bens produzidos coletivamente; o modo de lidar com o conflito e sua resolução por meio da música, cuja solução é construída pela educação comunitária, para além dos laços consanguíneos; o tempo passado como fonte de construção do presente e do futuro, lugar dos saberes ancestrais, da identidade; o cuidado e a educação da criança, tomados como uma responsabilidade não apenas da família, mas de toda a comunidade; o valor e a importância da dança, do tambor, da música, elementos de promoção e produção da memória e da vivência comunitária; o respeito ao segredo, princípio segundo as crianças compreenderam que nem tudo pode ser tido e explicado, sem considerar o tempo, respeitando a maturidade e o momento apropriado para a revelação, uma vez que se referem aos saberes ancestrais. (RÉGIS, 2017, p. 75).

A professora Sandra Petit vem elaborando um quadro de conceitos operacionais didático-pedagógicos da Pretagogia, organizados na tabela a seguir e que vem explicitando a dimensão de transversalidade, para além da disciplinarização das matérias:

Quadro 2 – Conceitos operacionais didático-pedagógicos da Pretagogia

<i>Conceitos Operatórios</i>	<i>Formas de operacionalização, dimensões</i>
<b>Pertencimento</b>	Vivências, contatos, empatia, informações, conexões, práticas corporais, práticas artístico-culturais
<b>Transversalidade</b>	- Transdisciplinaridade (atravessando diversas matérias, áreas de conhecimento).

	- Diversidade de linguagens e letramento. Possíveis habilidades promovidas: agilidade, astúcia, singularidade, criatividade, alegria. - Juntando dimensões: o lúdico, a estética e a ética
<b>Espiritualidade</b>	Relação com o cosmos, com a natureza.
<b>Ancestralidade e Processos iniciáticos</b>	Linhagem(ns), temporalidade, simbologia, ritual, senso de comunidade
<b>Produção Didática</b>	- Envolve valores da cosmovisão africana - Favorece a autoria/coautoria - Pode gerar novos fins pedagógicos

Fonte: Petit (2019).

Esses aspectos foram levantados pela professora Sandra Petit para condução das atividades pretagógicas. Encontrei nesses conceitos que operacionalizam a Pretagogia um apoio teórico-metodológico que me permitiu desenvolver a abordagem escolar ao meu conteúdo, aqui também mostrando a dimensão de transversalidade com ênfase na diversidade de linguagens, fontes e suportes utilizados, criatividade e singularidade produzida, como nos conhecimentos que foram fundidos no afroletramento que realizei, durante a minha pesquisa de mestrado em intervenções onde juntei não somente várias matérias mas também os suportes, linguagens e vivências, buscando realizar uma produção didática bem diversificada.

### 3 Considerações finais

O surgimento de pedagogias que possibilitem novas abordagens educacionais que contextualizem temáticas contemporâneas e com impactos sociais diretos, é um avanço na área da educação.

Compreendendo que é função da escola habilitar estudantes com capacidade de conviver harmoniosamente em sociedade, trabalhar as relações étnico-raciais no contexto escolar traz à luz a instância de combater a instauração de uma formação racista, arraigada em conceitos culturais que perpassam pela família, grupos sociais e escola. Assim, converter o papel da escola, que antes se mostrava tradicional e bancária, para uma escola reflexiva e participativa, contribui para a dissolução de culturas prejudiciais e perigosas.

A Pretagogia surge, nesse contexto, como um suporte para educadoras e educadores que se sentem inseguros pela falta de formação na temática. Ao inspirar

docentes com a apresentação do quadro de Marcadores das Africanidades e dos Conceitos Operatórios da Pretagogia, transfere segurança e amplitude aos educadores para atuarem com uma pedagogia combatente, construtivista e transformadora.

## Referências

BRITO, Deise Santos. (Des)locar, (re)conhecer e (trans)formar: relato de uma experiência referente a abordagem das culturas afro-brasileiras e diaspóricas na prática educativa. *Revista de Educação do Cogeime*, São Paulo, ano 25, n. 49, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15599/cogeime.v25n49p121-133>. Acesso em: 31 mar. 2018.

MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva. *Valorização da cosmovisão na escola*. Fortaleza: Ed. Appris, 2019.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de; SZUNDY, Paula Tatianne Carréra. Práticas de multiletramentos na escola: por uma educação responsiva à contemporaneidade. Bakhtiniana. *Rev. Estud. Discurso*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 184-205, Dec. 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-45732014000200012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732014000200012&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 23 ago. 2020.

RÉGIS, Sávia Augusta Oliveira. *Pretagogizando a contação de histórias africanas e afro-brasileiras: caminhos pedagógicos para a construção do pertencimento afro*. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

SARAIVA, Emmanuel J. *A influência africana na cultura brasileira*. São Luís: Clube de Autores, 2016.

SILVA, Geranilde Costa e. *Pretagogia: construindo um referencial teórico-metodológico de base africana para a formação de professores/as*. Fortaleza: Impreco, 2019.

PETTT, Sandra Haydé; FARIAS, Maria Kellynia. Pretagogia, pertencimento afro e os marcadores das africanidades: Conexões entre corpos e árvores afroancestrais. In: MACHADO, Adilbência Freire; ALVES, Maria Kellynia Ferreira; PETTT, Sandra Haydé (org.). *Memórias de Baobá II*. Fortaleza: Impreco, 2015. p. 125-145.

PETTT, Sandra Haydé. *Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afro ancestral e tradição oral: contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03*. Fortaleza: EdUECE, 2015.

PIRES, Régis Alves. A Pretagogia no cotidiano escolar: contribuições para implementação da Lei Nº 10.639/03. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 29., 2017, Brasília, DF. *Anais [...]*. Brasília, DF: [s. n.], 2017. p. 2-9.

Recebido em 15/11/2020.

Aceito em 26/04/2021.